

# ARTIGOS



# Ciências da Religião numa sociedade multicultural

Wolfgang Gruen, sdb\*

## RESUMO

Texto originalmente apresentado como aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Trata da epistemologia e dos desafios da investigação em Ciências da Religião. Partindo do problema de base da religiosidade na Educação, do fenômeno religioso e sua dimensão profunda, o artigo segue uma densa investigação sobre os limites e horizontes das Ciências da Religião.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Religião; Religiosidade; Educação; Ensino religioso.

COM A CERTEZA DE INTERPRETAR o pensamento de quantos o conheceram, dedico esta aula inaugural à memória do Pe. Alberto Antoniazzi, falecido dia 25 de dezembro passado. Professor de vasta e profunda cultura, membro do Iser, pesquisador do panorama religioso do Brasil e, acima de tudo, homem de fé esperançosa até o fim, amigo dos pobres, atencioso com todos; sábio discreto, sem vedetismo, de bom senso. Homem bom. Teria sido membro nato do corpo docente do Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. *Inesquecível!*

Os jovens talvez estranhem minha observação inicial, por falta de termo de comparação; os “jovens há mais tempo”, que experimentaram outro tipo de sociedade, só podem concordar: está em pleno andamento uma profunda mudança social, em termos de forma e de estrutura. Não nos iludamos: é uma *metamorfose* cultural, qual a humanidade não viu nos últimos 5.000 anos. Segundo o estudioso Neil Postman,

\* Sacerdote salesiano, professor, pesquisador e autor de diversos livros nas áreas de bíblia, catequese e ensino religioso. Membro do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas (NET), leciona no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e no Instituto Dom João Rezende Costa, em Belo Horizonte.

as novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual nossos pensamentos se desenvolvem. (POSTMAN, 1994, p. 29)

Curto e grosso: a Internet exige uma nova antropologia. Enquanto cultural, essa metamorfose atinge de cheio a área da religião.<sup>1</sup> No início, parecia um desmonte do universo religioso. Foi falso alarme: contrariando previsões de descrentes e de estudiosos, contra, mas principalmente a favor, a *religião* está de volta com estranho vigor (SENRA, 2005, p. 5; ONFRAY, 2005; McGRATH, 2005). Mas também com muitas interrogações.

<sup>1</sup> Ver, entre tantos outros, Velasco (1999, p. 127-146); Galimberti (2003); Terrin (2004).

Está de volta a religião ou o *sagrado*? Que *sagrado*? Que tipo de religião? Há um boom de *interesse* por assuntos religiosos. Interesse em que sentido?

É isso, e muito mais, que vocês, prezados pós-graduandos em Ciências da Religião, querem adentrar no curso que ora se inicia. Terão pouco tempo para um assunto inesgotável. Ao longo do percurso, muitas sinalizações recomendam prudência: estrada em obras; diversas opções de rota; cuidado com atalhos que, na realidade, são desvios.

Até o nome da estrada ainda está em discussão: *ciência* ou *ciências da religião*? *Da* religião ou *das* religiões? Pela análise combinatória, quatro são as *respostas* possíveis; na verdade, há uma quinta, mais radical: pode-se falar de uma *ciência* da(s) religião(-ões)?

É evidente que a área está em crise – sinal de vitalidade, renovação. É a saudável crise geral das epistemologias que bate à porta também das Ciências da Religião. Não se assustem: vão gostar do percurso: foi feito para a gente adulta. Serão acompanhados por guias competentes, amigos, honestos.

## A “RELIGIOSIDADE” NAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

### Síntese da temática

Convidado a dar o sinal de largada do novo curso, escolhi uma temática que, sem estar explicitada no folder informativo, está presente ao longo do percurso; tão discretamente que, em geral, não chega a ser percebida. Refiro-me à *religiosidade* –

enquanto categoria antropológico-filosófica. Em síntese, a hipótese que me proponho esboçar é a seguinte:

As Ciências da Religião costumam abordar o fenômeno religioso exclusivamente em sua “estrutura de superfície”, enquanto religião. É uma simplificação que distorce a visão do fenômeno, por omitir um seu elemento constitutivo, essencial: sua “dimensão profunda”. Essa dimensão está, ou deveria estar, à raiz de todas as manifestações da vida humana, e as qualifica, no nosso caso, tanto na prática da religião quanto em sua rejeição, ou na busca do caminho a seguir. Provisoriamente, chamamos essa dimensão profunda de “religiosidade”. Por sua abrangência, propomos esse enfoque, não como um tema entre muitos, mas como pano de fundo a ter sempre presente: pois tem potencial para afetar todas as disciplinas e o curso em seu conjunto.

### **Justificativa**

No final dos anos de 1960 e início dos de 1970, eu lecionava Língua e Literatura Inglesa, Cultura Religiosa e Catequética, na então Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, de S. João del-Rei, além de Ensino Religioso nos cursos ginásial e colegial do vizinho colégio. Anos duros de autoritarismo e repressão; bons anos de despertar político e revolta dos jovens. Nessa situação tão densa de ‘existencialidade’, apesar de meu empenho, minhas aulas de Cultura Religiosa e de Ensino Religioso não pegavam mais. (Certo dia, uma excelente aluna de inglês disse-me com todas as letras: “Gruen, *toleramos* suas aulas de Cultura porque gostamos de você e de suas aulas de Inglês; mas não se iluda: essa Cultura, conosco, é tempo perdido”). Percebi que eu estava propondo respostas a perguntas que eles não faziam e que nem lhes interessavam; seus questionamentos, em geral não formulados, eram bem outros. Graças a uma série de circunstâncias favoráveis, fui levado a repensar e pesquisar o modelo dessas aulas. Aos poucos, foi-se delineando o esboço de uma nova teoria – hoje diríamos, epistemologia, do Ensino Religioso. Mudamos nossa prática, primeiro em casa, depois em outras escolas da cidade; afinal, a problemática não era apenas nossa. Passamos a debatê-la com educadores e autoridades do sistema. Notem a seqüência: primeiro veio a necessidade, o grito, a prática; depois, a teoria, aperfeiçoando nosso agir. Em 1975 fui transferido para Belo Horizonte. Daqui, a idéia criou asas por diversos Estados da Federação e fora do País. Detalhe interessante: no México, a Constituição ainda mantinha a proibição

<sup>2</sup> Lei Federal n. 9.475/1997, que dá nova redação ao art. 33 da Lei n. 9.394/1996.

da Revolução de falar de Deus na escola, mesmo particular: nada de ensino religioso. Apresentei o novo modelo (1975 e 1976, 350 h/aula), que foi bem assimilado e acolhido. Hoje, com a colaboração de diversos setores, é o Ensino Religioso adotado oficialmente no Brasil,<sup>2</sup> ainda com resquícios do passado, na prática e mesmo na legislação, mas caminhando.

Continuo convencido de que o rumo é este. Não só: a nova epistemologia do Ensino Religioso inspira também uma nova epistemologia das Ciências da Religião. Nessa área, têm-se abordado quase exclusivamente *dados* sobre as diversas formas de religião, com respectivas análises. É pouco: seria preciso avançar rumo ao *fenômeno* religioso em sua profundidade antropológica quase inacessível. Vejamos três casos.

1º) Cristiane e Lúcio (nomes mudados) estão noivos. Ela, católica fervorosa, catequista. Ele, excelente pessoa, ateu convicto. Os pais da moça gostam do Lúcio; mas a mãe não abre mão de uma exigência: o moço tem que deixar-se batizar, para a Cristiane não casar com um “pagão”. Resposta do Lúcio: “Um pouco de água a mais na cabeça não seria problema para mim. Não aceito ser batizado unicamente porque amo a Cristiane: para ela, o batismo é importante, significativo; é por respeito pela crença dela que não quero banalizar este rito. É possível até que, na convivência com ela, um dia eu passe a acreditar; aí, pedirei o batismo; por enquanto não”. Comentário da piedosa mãe: “ele me deu uma lição e tanto; minha admiração por ele cresceu”.

Nas estatísticas, a Cristiane é católica, o Lúcio ateu. São indicativos que não deixam de ter certa utilidade. Mas, para reflexões, avaliações e planejamentos mais substanciais, basta essa tipificação? Não seria preciso aprofundar biografia e razões das respectivas opções?

2º) Anos atrás, uma revista francesa publicou longa carta de leitora, que traduz bem essa reflexão. Ouçam um trecho.

Pessoas como eu, à margem da Igreja, existem muitas. Mas não sou eu que interesso; o próprio número destas pessoas parece-me colocar uma séria pergunta: hoje, quem são os cristãos? Onde começa ou termina sua família espiritual? Quem defende seus valores e suas escolhas morais? Quem é portador deste grande espírito com o qual a humanidade tem caminhado e crescido há dois mil anos? São somente os que são encarregados de catalogar, julgar, quicá condenar? Os que são obrigados a fixar, ou até congelar, determinadas condutas sociais, determinadas estruturas rachadas, certos momentos da história? São somente os que seguem a lei sem

discussão, e a fazem aplicar cegamente, seja qual for o rumo que o curso do mundo tome a nosso redor? Os que, por disciplina, ficam estranhos a tantos conhecimentos duramente adquiridos e ainda mal reconhecidos; os que, tendo tido a chance de aprender, não são capazes de partilhar o que sabem? Ou mesmo os que, por medo das represálias e da solidão, se calam, e morrem numa bênção passageira? Será que os cristãos estão realmente todos aí? Não tenho mais plena certeza disto. Talvez os cristãos sejam também os que escolheram o risco, a fidelidade a si mesmos e a firmeza. Eu creio que são mais úteis a uma sociedade, seja qual for, os que sabem discutir passo a passo, e suportar a exclusão, a reprovação e o abandono dos seus, do que o enorme rebanho sabichão que se aponta a si mesmo como modelo, enquanto não força ninguém a afrontar os problemas da história. (GREGOIRE, 1967, p. 32)

3º) Agora, um caso que nos leva ao mundo acadêmico. O filósofo, então marxista e ateu convicto, Roger Garaudy (1966), assim escrevia a seu amigo e interlocutor, também filósofo, Pe. Giulio Girardi, salesiano:

[...] o que nos torna ateus não é nossa suficiência, nossa satisfação conosco mesmos e com a terra ou qualquer limitação de nosso projeto, mas o fato de que, experimentando, como os cristãos, a insuficiência de todo ser relativo e parcial, não chegamos por isso à conclusão de uma presença, a do “único necessário”, que responderia à nossa angústia e à nossa impaciência. Se recusamos o próprio nome de Deus é porque implica uma presença, uma realidade, ao passo que nós só vivemos uma exigência, uma exigência jamais satisfeita de totalidade e absoluto, de onipotência em relação à natureza e de perfeita reciprocidade das consciências. Esta exigência nós podemos vivê-la, podemos agir por ela, mas não concebê-la, evocá-la nem esperá-la, e menos ainda hipostasiá-la com o nome de transcendência. Posso dizer tudo sobre essa totalidade, sobre esse absoluto, menos: ele existe. Pois está exatamente em sursis e sempre em crescimento, como o próprio homem. Se quisermos dar-lhe um nome, não será o de Deus, pois não se pode conceber um Deus que esteja sempre criando-se, nascendo. O nome mais belo e mais elevado que se pode dar a essa exigência é o de homem. Recusá-lo a ele seria mutilar o homem de uma de suas dimensões, de sua dimensão essencial, específica, pois o homem é precisamente aquele que não é. Essa exigência do homem é, creio eu, a carne de vosso Deus. Sem dúvida, cristãos e marxistas, vivemos as exigências do mesmo infinito, mas o vosso é presença, e o nosso, ausência.<sup>3</sup> (p. 57-58)

Faz sentido simplesmente desqualificar como “ateu”<sup>4</sup> uma pessoa que faz reflexões como essas? Não haverá uma categoria que faz jus a tantos que vivem intensamente sua busca, como Ménéie e Garaudy? Quem, independente de sua crença ou descrença, não se sente pequeno diante de pessoas assim? (METZ,

<sup>3</sup> Mais tarde, Garaudy abraçou a fé cristã; depois, continuou a caminhada em busca da verdade.

<sup>4</sup> O antepositivo a-, indicando privação, ainda carrega certa conotação negativa.

<sup>5</sup> Quarenta anos atrás, Metz falava da urgência de aprofundarmos os pressupostos teológicos dos principais ateísmos atuais.

1965/6, p. 45-59).<sup>5</sup> Quantos deles ficam desfigurados para sempre por estatísticas e rótulos enganadores? Quantos frequentadores de igrejas, nas mais diversas funções, talvez estejam aquém desses nômades da verdade? Não é mera piada a *boutade* de Woody Allen: “Para você, sou ateu; para Deus, sou leal oposição”. [Não me lembro de quem é a deliciosa piada contada por um ateu: “Quando eu chegar à porta do paraíso, Deus vai nomear-me recepcionista: já estou acostumado a falar a mentirinha social ‘O chefe não está!’”].

## RELIGIÃO

Desde que nasceu o campo específico chamado *Ciências da Religião*, o foco, como dissemos, tem sido a *religião*. O valor e a importância da religião são inegáveis, nos âmbitos pessoal, interpessoal, social, político. Dispensamo-nos, aqui, de comprovar a afirmação. Basta fazer mentalmente uma subtração: como seria o nosso mundo sem religião/religiões? Isso para dizer que o estudo sistemático do fato religioso conserva pleno sentido. Entretanto, como acabamos de ver, uma tipologia religiosa, explícita ou não, baseada na frequência de práticas da religião, além de injusta, é uma simplificação metodológica que beira a distorção.

Mais: como acontece em todos os setores da vida humana, o universo da religião está sujeito a caricaturas, contrafações, abusos, aptos a enganar os incautos. Essa degeneração do sagrado é tanto mais perigosa por apresentar-se com a máscara do sagrado, do divino. É muito sábia a prece a Deus, de Elie Wiesel (1985), sobrevivente de Auschwitz e Prêmio Nobel da Paz:

Meus inimigos, não peço que os castigues/ nem mesmo que os elimines;/ só peço/ que não lhes emprestes/ tua máscara e teus poderes./ Mas se tiveres que ceder-lhes ou máscara ou poderes,/ dá-lhes teus poderes./ Não teus vultos. (p. 43)

Conclusão: tem sua utilidade, mas de alcance limitado, o costume de mensurar a adesão formal das pessoas à religião, independente das motivações. Mesmo a importante relação entre crenças e práticas religiosas, como é postulada por Marcel Mauss (1872-1950), é ainda demasiado objetivante, sujeita a camuflagem: precisamos cavar mais fundo.

## RELIGIOSIDADE

Entra em cena, Paul Tillich (1886-1965), filósofo e teólogo evangélico-luterano. Não propõe nenhuma tipologia: simplesmente aponta para o cerne da problemática. Vejamos, em poucas palavras.

Em todos os tempos, à raiz da vida humana encarada com maturidade, estão as grandes perguntas existenciais a respeito do sentido dessa vida: “de onde vim e para onde vou? O que faço, e devo fazer, no breve tempo entre o nascimento e a morte?”. Para Tillich, esse questionamento exigente, atitude dinâmica de abertura da pessoa ao sentido radical de sua existência, constitui a “dimensão de profundidade” ou “religiosa” do ser humano, sua “religiosidade”. Não se trata, esclarece Tillich, de “mais uma” atitude ou função: a religiosidade é a mais profunda de todas as funções da vida humana; ou melhor, da vida humana como totalidade. Essa abertura ao sentido radical da existência humana será, por isso mesmo, abertura ao que nos transcende. Esse é o ideal. Na realidade, Tillich lamenta como tragédia dos nossos tempos a perda em grande escala dessa dimensão na sociedade atual. Daí o título de seu precioso livro, **A dimensão perdida** (TILLICH, 1970).

É um deslocamento do enfoque tradicional, que muda todo o cenário. Outros filósofos da religião, como Ernst Troeltsch (1865-1923) e Max Scheler (1874-1928), bem que haviam intuído o problema: como ponto de partida, tratava-se de encontrar um elemento comum, unificador de todo o sistema religioso. Analisaram uma amostragem representativa das religiões para identificar aquele que seria seu núcleo – “a religião nas religiões” como então se dizia. O elemento comum que encontraram foi a *crença no numinoso*, seja qual for, especificamente. É o conceito que ainda predomina em dicionários e enciclopédias. É também o conceito que costuma orientar o planejamento e as próprias normas do Ensino Religioso. Hoje temos consciência de que o “religioso” não pode ser procurado exclusivamente nas religiões: nem tudo nelas é religioso; e fora delas também medra autêntica religiosidade. Por isso, hoje partimos não de uma suposta “posse” (*crença*), mas da busca, da abertura (não só mental!) para o sempre mais e melhor; não necessariamente do *numinoso*, mas dos valores que estão ao alcance de cada pessoa, em sua situação concreta.

## RELIGIOSIDADE COMO PANO DE FUNDO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O termo *religiosidade* assume diversas acepções, conforme o assunto: *sociologia* da religião (r. moderna, popular, monacal); *psicologia* (r. intimista, serena ou doentia, esclarecida), *teologia* (r. de tipo clerical, carismático, libertador). Era minha intenção inicial, tomar como tema desta aula inaugural o importante – muito importante – tema *linguagem das religiões/ linguagem religiosa*. Sem os prolegômenos, seria difícil desenvolvê-lo; tratar dos dois assuntos exigiria mais tempo. Melhor deixá-lo íntegro para outras ocasiões. Fique a idéia geral: a religiosidade é a dimensão de profundidade da vida humana em seu todo e em cada uma de suas funções; é conceito-base, que articula os demais. Se o tomarmos como referência no curso de Ciências da Religião, a religiosidade não constitui apenas uma disciplina, ou um item do programa: é *espírito que perpassa todo o currículo*, seu pano de fundo. A *linguagem* religiosa será sinal e expressão desse espírito. Vejamos alguns aspectos disso.

Décadas atrás, quando se tratou de repensar o Ensino Religioso Escolar, a categoria *religiosidade* mostrou-se basilar para a elaboração de um paradigma que fizesse jus às necessidades hodiernas, e para encaminhar seu novo estatuto epistemológico. Ao menos como ponto de partida, essa mesma categoria poderá ser peça-chave também para a elaboração da *epistemologia* das Ciências da Religião na sociedade pluralista, complexa. A tarefa é inadiável: muitas vezes continuamos a pensar os problemas de hoje com a cabeça e os subsídios de ontem; esquecemos que, como advertiu Einstein, foram cabeças de ontem que criaram os problemas de hoje. Não basta pautar-nos pelas mudanças que as religiões históricas estão sofrendo: são os próprios conceitos básicos de sagrado, religião, revelação, tradição, autoridade, fidelidade que estão mudando: tudo é provisório, subjetivo, descartável; importante não é a solidez da doutrina, mas o sentir-se bem; o sistema de valores oblativos dá lugar ao de valores captativos. Principalmente entre os jovens, enfraquece-se, quase diríamos rareia, a própria busca de sentido da vida. Em compensação, novos traços de religiosidade nos enchem de esperança: relativização de falsos absolutos, respeito pelo diferente, transparência que não esconde os erros e os denuncia, autonomia adulta e responsabilidade pessoal, busca de autenticidade. Está

mais nítida a diferença entre opção religiosa e mera socialização. Particularmente inspiradora a reflexão do diretor-geral da Unesco, ao discutir o futuro dos valores: “A perda de significado talvez não passe de ilusão. Em vez disso, deveríamos estar discutindo as mudanças de significado e a criação de novos significados. Apostemos no futuro /.../” (MATSUURA, 2004, p. A3).

Se a religião tiver como referência básica o que Tillich chama religiosidade, o sistema religioso, na diversidade de expressões, ganha novas garantias de qualidade, sem prejuízo do valor dos que não aderem a nenhuma religião. Dito em linguagem do nosso dia-a-dia: toda religião precisa ser vivificada pela religiosidade. Sem isso, é pirataria; ou produto de boa marca, mas com data vencida, impróprio para o consumo; formação religiosa que não levar isso em conta arrisca virar propaganda enganosa.

Há redutos confessionais que nutrem pouca simpatia pelo curso de Ciências da Religião: temem que, com suas análises, críticas, abordagem pluralista, ele *solape a fé* de seus adeptos. É preciso dizer com todas as letras que não compete ao Curso de Ciências da Religião, a seus professores ou estudantes, criticar – de fora – um sistema religioso estabelecido; críticas desse teor são válidas e certamente bem-vindas quando feitas, com respeito, carinho senso de responsabilidade e humildade, por membros ativos do e no grupo. As Ciências da Religião não entram no mérito da legitimidade e autoridade de uma religião para os seus fiéis. Em geral, um sistema religioso apela para uma revelação divina, o que o coloca no âmbito da fé: não compete a quem é de fora do grupo contestar essa convicção.

Por outro lado, a fé só tem a ganhar deixando-se avaliar pela religiosidade. Na crise cultural que estamos vivendo, muitos fiéis sentem-se confusos, principalmente na área religiosa. Há grande variedade de crenças, algumas fortemente proselitistas; há crentes praticantes, pessoas displicentes, sem filiação religiosa, ateus, “nômades religiosos” e “andarilhos” sem ponto de partida e sem meta, “afastados”, de diversas tendências. Nessa situação de pluralismo antes nunca visto, sente-se a necessidade não só de educação básica na família e na comunidade de fé, mas também de formação nos pré-requisitos para a vivência, ou negação honesta, de uma religião. É o que, em diversos lugares, vem sendo chamado *Educação Religiosa* ou *Ensino Religioso* – e não só escolar. Essa educação tem-se mostrado oportuna, melhor dizendo, essencial, para todos, independente de sua idade ou

formação – leigos, seminaristas, pastores, padres, bispos – sem qualquer contra-indicação, com ou sem crise; os caminhos da vida não são lineares: incluem desvios e reinícios inesperados. O cultivo da religiosidade não só não oferece perigo à confissão religiosa da pessoa: constrói alicerces para a fé, e encaminha para a comunidade de fé.

Num país como o nosso, reveste-se de especial interesse o diálogo entre Ciências da Religião e *Teologia*. Até parece ironia: enquanto uns vêem as Ciências da Religião como perigo para a fé, outros acusam o curso de ser “uma forma camuflada de teologia”. De fato, em alguns casos tem sido isso. Infelizmente. Pois, do ponto de vista tanto ético como metodológico, é descabido abordar as ciências da religião com cabeça de teólogo. O caso mais freqüente entre nós é a adoção de categorias próprias do cristianismo, quando não de uma das Igrejas que o compõem: em vez de “pensamento” usa-se “teologia”; o estudo dos livros sagrados limita-se ao da Bíblia; fala-se em “outras” religiões. São resquícios de colonialismo. Atenção especial merecem as religiões ativamente presentes na região, principalmente quando constituem seu espaço hermenêutico. Nesse caso, mesmo que se trate de religião majoritária, seu pensamento é encarado como objeto de pesquisa, não como vinculante para os estudantes. É princípio que rege também as relações e distinções entre Ensino Religioso oferecido na Escola, e Formação confessional (como evangelização, catequese, “escola corânica”), que compete à família e à comunidade de fé.

O *ecumenismo* entre cristãos, e o *diálogo inter-religioso* e com os “*não-crentes*” oficialmente ainda não conseguiram passar de ecumenismo seletivo, proporcional à maior ou menor semelhança entre os parceiros, quando não a seu prestígio social; a parte do leão cabe às “grandes” tradições religiosas, enquanto os cultos dos excluídos são minimizados. Cá e acolá, ecumenismo é mero rótulo de táticas de conquista. Busca ou manutenção de poder e *status* estão latentes em diversos desses problemas. Base do diálogo religioso é a religiosidade; onde ela é cultivada, uns podemos aprender dos outros, adeptos de uma religião ou não, sem abrimos mão de nossas convicções.

Não é preciso sublinhar a importância das Ciências da Religião para a formação de professores de *Ensino Religioso Escolar*. Já em 1974, ao tentar, sem resultado, justificar o curso de graduação em Ciências da Educação na UFJF, escrevi:

Embora o Ensino Religioso Escolar não se identifique com as Ciências da Religião (como a Catequese não se identifica com a Teologia), o Curso de Ciências da Religião seria o lugar privilegiado para a formação e habilitação de tais professores.

Em outubro de 1980, voltei ao assunto em Parecer do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais sobre *O Ensino Religioso nas Escolas oficiais de 1º e 2º Graus do Sistema Estadual de Ensino (Estudo Preliminar)*. Nas Medidas operacionais, ao tratar da habilitação do professor, entre os três tipos de preparação do professor, lê-se:

Em nível superior, encarecemos a fixação, pelo CFE, dos currículos mínimos de curso de Ciências da Religião. Nitidamente distinto do de Teologia nos objetivos, conteúdos e métodos, este seria, salvo melhor juízo, o curso indicado para formar o professor de Ensino Religioso. (GRUEN, 1995, p. 96)

## AUGÚRIOS

A vida humana é inquietude, busca de vida digna, de sentido da existência e da História, mesmo que esse conato não chegue a ser formulado. A religião é espaço privilegiado em que essa busca pode ser estimulada, orientada, cultivada. Importa que também ela, a religião, se mantenha à altura de sua função. Como disse o sábio indiano Sri Aurobindo (1872-1950), “Religião é caminho para Deus. Caminho não é casa”. As Ciências da Religião são como um *check-up* dessa busca, pessoal e coletiva, de sentido e de plenitude. Só a experiência pessoal de religiosidade terá condições de complementar devidamente esse estudo.

A todos e cada um de vocês, novos estudantes do Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião, auguro *feliz caminhada!*

## ABSTRACT

This text was originally presented as the opening class of the Postgraduate Programme in Sciences of Religion of PUC Minas. It concerns the epistemology and challenges of investigation in Sciences of Religion. Starting from the fundamental question of religiosity in Education, of the religious phenomenon and its deep dimension, the article embarks on a close investigation into the limits and horizons of the Sciences of Religion.

Key words: Sciences of religions; Religion; Religiosity; Education; Religious teaching.

### Referências

BRASIL. Lei Federal n. 9.475/1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei n. 9.394/1996. **Diário Oficial**, Brasília, 22 jun. 1997.

GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do sagrado**: o cristianismo e a des-sacralização do sagrado. São Paulo: Paulus, 2003.

GARAUDY, Roger. **Do anátema ao diálogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

GREGOIRE, Ménie. Une lettre de Mme. Mérrie Gregorie. **Informations Catholiques Internationales**, Paris, n. 290, p. 32, 15 jun. 1967.

GRUEN, Wolfgang. **O ensino religioso na escola**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MATSUURA, Koichiro. O futuro dos valores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 ago. 2004. Caderno Tendências e Debates, p. A3.

McGRATH, Alister. **The twilight of atheism**: the rise and fall of disbelief in the modern world. New York: Doubleday, 2005.

METZ, J. B. A descrença como problema teológico. **Concilium**, Petrópolis, v. 1, n. 6, p. 45-59, 1965.

ONFRAY, Michel. **Traité d'Athéologie**. Paris: Grasset, 2005.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

SENRA, Flávio A. R. Deus está morto? **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 fev. 2005. Caderno Pensar, p. 5.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**: culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

TILLICH, Paul. **La dimensión perdida**: indigência y esperanza de nuestro tiempo. Bilbao: Desclée, 1970. [Original Alemão, 1962].

VELASCO, J. MARTÍN. Metamorfosis de lo sagrado y futuro del cristianismo. **Selecciones de Teología**, v. 38, n. 150, p. 127-146, 1999.

WIESEL, E. **Al sorgere delle stelle**. Testi. Torino: Marietti, 1985.